
José Sebald Hammes: o valor de suas fotografias para a documentação da história social de Lajeado/RS¹

Pietra DARDE²
Renata LOHMANN³
Univates, Lajeado, RS

RESUMO

A fotografia desempenha várias funções, entre elas a documentação de fragmentos da realidade. Até o século passado, o acesso à fotografia era limitado em comparação com os dias atuais. Nesse contexto, destaca-se o trabalho de José Sebald Hammes, um dos primeiros fotógrafos profissionais de Lajeado, RS. Conhecido como Sebald, ele documentou a história social da cidade, capturando momentos que proporcionam conhecimento sobre hábitos e costumes da época e a evolução de Lajeado. Esta pesquisa tem como objetivo compreender o valor das imagens fotográficas de José Sebald Hammes para a documentação da história social de Lajeado, RS. A pesquisa seguirá uma abordagem qualitativa e utilizará métodos como pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas em profundidade.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Documento Histórico; Lajeado; Sebald; José Sebald Hammes.

TEXTO DO TRABALHO

Atualmente, com a popularização das câmeras digitais e dos smartphones, a fotografia tornou-se uma prática acessível e presente em nossas vidas. Joan Fontcuberta (2012) diz que em tempos passados a prática de fotografar era considerada um privilégio, enquanto atualmente ela se tornou extremamente comum e está integralmente incorporada à vida das pessoas, assim como outras atividades cotidianas. Ou seja, há algumas décadas, o acesso à fotografia era mais restrito e sua prática era reservada a menos profissionais.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Jornalismo pela Univates, e-mail: pietra.darde@universo.univates.br.

³ Professora da área de Economia Criativa na Univates, doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS, email: relohmann@gmail.com.

É nesse contexto que se destaca o trabalho de José Sebald Hammes, um dos primeiros fotógrafos profissionais de Lajeado. Sebald, como era conhecido popularmente, documentou a história social da cidade, capturando momentos que nos ajudam a entender fatos históricos, a evolução da cidade, bem como os hábitos e costumes da comunidade da época. Isto é, seu trabalho é ainda mais significativo porque, quando começou a fotografar, a prática fotográfica era restrita a poucos profissionais e entusiastas na região do Vale do Taquari, onde Lajeado, RS, se insere. Se hoje muitas pessoas têm lembranças de suas primeiras comunhões, festas, de entes queridos, é provável que tenha sido Sebald quem fotografou. E se hoje existem registros espontâneos de como aconteciam os eventos sociais de Lajeado, pode ter sido Sebald quem os registrou.

A fotografia é uma importante fonte histórica e cultural, capaz de revelar informações e significados que vão além da mera representação do real. Como afirma Boris Kossoy em seu livro "Fotografia e História":

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade (Kossoy, 2014, p. 171-172).

No entanto, apesar da importância do trabalho de Sebald, sua obra foi menosprezada por muitos anos e seu acervo só começou a ser valorizado após sua morte, em 2014.

Assim, a presente pesquisa busca contribuir para a valorização da obra de José Sebald Hammes, bem como para contribuir no conhecimento em áreas relacionadas à história e à fotografia.

José Sebald Hammes

A pesquisa sobre a figura de José Sebald Hammes revelou uma lacuna nas informações sobre o fotógrafo. Embora Hammes seja reconhecido como um personagem folclórico e um dos principais nomes da fotografia na cidade de Lajeado, a quantidade de materiais disponíveis sobre sua vida e obra é limitada. Na ausência de materiais concretos, a história de Sebald será construída com base em entrevistas

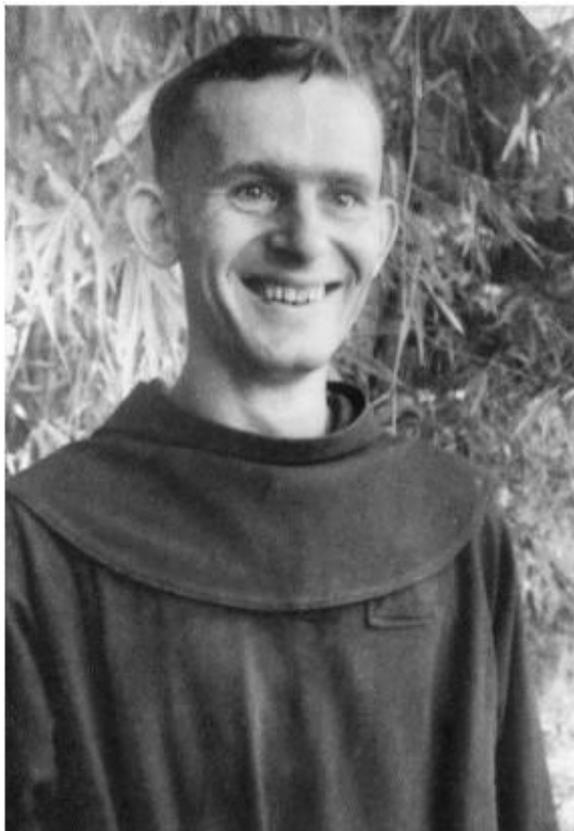
concedidas por ele para jornalistas, em textos de blogs, reportagens jornalísticas, bem como com base nos seus documentos pessoais, como sua certidão de nascimento, encontrados em seu acervo. Não foi encontrado, em seu acervo, nenhum documento escrito por ele que conte sua própria história.

José Sebald Hammes nasceu em 04 de setembro de 1928, às dez horas, na localidade de Arroio do Meio, então pertencente a Lajeado, RS. Seus pais são Pedro Izidor Hammes e Anna Hammes, sendo ele neto por parte paterna de Felipe Hammes e Anna Hammes, e por parte materna de Jacob Spaniol e Elisabetha Spaniol. José Sebald Hammes ficou conhecido como Sebald. Ele mesmo adicionou um "o" extra em seu segundo nome, passando a se chamar Sebald em vez de Sebald (Sebald apud Peixoto, 2009).

Segundo Sebald (apud Peixoto, 2009), sua mãe faleceu tragicamente em um acidente envolvendo uma carroça quando ele tinha apenas quatro anos de idade. Seu pai, por sua vez, exercia a profissão de veterinário prático. O fotógrafo estudou até o quinto ano e, posteriormente, passou a trabalhar na agricultura com sua família.

Inspirado por seus familiares, especialmente por sua mãe, desejava seguir na vida religiosa. Aos dezesseis anos, com o objetivo de tornar-se padre, ingressou no seminário em Taquari. Mais tarde, aos 23 anos, mudou-se para o Seminário Daltro Filho, onde realizou o noviciado e estudou Filosofia. Em seguida, residiu em Divinópolis e depois em Muzambinho, em Minas Gerais, onde permaneceu por mais dois anos no Juvenato Franciscano. Durante o tempo em que esteve em Minas Gerais, adquiriu conhecimentos autodidatas em fotografia e revelação, além de ter estudado latim e grego.

Figura 1 - José Sebaldo Hammes na época que era seminarista



Fonte: Autor desconhecido (1944-1968).

Embora Sebaldo tenha dedicado grande parte de sua vida à religião, ele não se tornou padre devido a sua atração em relação ao sexo feminino, o que o levou a desistir dessa vocação (Sebaldo apud Peixoto, 2009).

Após a passagem por Minas Gerais, também teve uma breve estadia pela cidade de Três Passos e em Santos, SP, onde aplicou seus conhecimentos e técnicas fotográficas, comercializando as fotos reveladas na praça. Caso ele tivesse permanecido em Santos, provavelmente teria obtido sucesso financeiro devido à alta demanda de venda de suas fotografias. No entanto, ele acabou decidindo retornar para o Sul (Sebaldo apud Peixoto, 2009).

Retornou ao Estado do Rio Grande do Sul quando tinha cerca de 40 anos. A intenção era rever a família e acabou permanecendo. A única coisa que trouxe consigo foi sua máquina fotográfica, que havia ganhado de um amigo em Minas Gerais (Sebaldo apud Lacerda, 2002). O fotógrafo revelou que:

Adorava tirar fotos, aliás tenho muitas da época de seminarista, pensei então em tirar fotografias, afinal, dava mais lucro que ser professor e precisava ganhar dinheiro para ajudar em casa. Foi como unir o útil ao agradável. Hoje sou realizado com meu trabalho (Sebaldo apud Lacerda, 2002).

Após sua volta, estimada em 1966, Sebaldo estabeleceu-se em Estrela e, por fim, em Lajeado, onde estabeleceu sua moradia e inaugurou seu estúdio fotográfico, dando início à sua carreira como profissional na área da fotografia (Sebaldo apud Peixoto, 2011). Em 1966, Sebaldo (apud Lacerda 2002) se denominava como um "fotógrafo ambulante". Na época, Sebaldo era um dos primeiros fotógrafos da cidade de Lajeado, sendo responsável por registrar eventos sociais, sendo eles públicos ou privados (Togni, 2021).

Figura 2 - José Sebaldo Hammes fotografado durante uma cobertura fotográfica



Fonte: Autor desconhecido (s.d).

O fotógrafo marcou presença em bailes de debutantes, carnavais de rua, desfiles escolares, e principalmente na igreja, fotografando batizados e casamentos, bailes de interior, eventos que aconteciam em Lajeado e na região do Vale do Taquari. Para Sebaldo:

A foto é social. É tudo que acontece no momento na sociedade. Eu estive presente nos carnavais, nos momentos políticos... Eu tenho uma foto do governador Ildo Meneghetti. [...] O fotógrafo é como um psicólogo. Quando eu olho no visor eu enxergo as reações de quem está na minha frente e preciso capturar o momento certo. Eu ficava realizado quando alguém buscava a foto e me dizia “Esse sou realmente eu (Sebaldo apud Peixoto, 2011).

Apesar de Sebaldo ter fotografado uma variedade de eventos, ele possuía um apreço especial pela captura espontânea das pessoas. O fotógrafo mencionou que:

Estou sempre interessado em captar uma foto que espelha a pessoa, que conte como é a sua alma, ou seja, revelar o rosto de cristo em cada um. Também não gosto de fazer fotos posadas. Prefiro distrair a pessoa e fotografá-la quando estiver desprevenida, no momento certo. Também adoro as crianças, pois além de muito fotogênicas, elas são puras e trazem consigo a essência do ser humano (Sebaldo apud Lacerda, 2002).

Após capturar e revelar as fotografias, Sebaldo aguardava ansiosamente pelos clientes, os quais dificilmente compareciam para adquirir as cópias, ou então ele mesmo ia ao encontro deles para vender (Sebaldo apud Peixoto, 2011). Desta forma, foi se formando um acervo gigante de fotografias impressas e em negativo em seu estúdio (Darde, 2023).

Sua rotina como fotógrafo era desordenada. Segundo Sebaldo (apud Lacerda, 2002), ele não podia ter horários fixos para suas atividades, o que incluía a necessidade de se alimentar adequadamente. No início de sua jornada profissional, ocorriam situações em que as demandas do seu trabalho o levavam a receber chamadas em sua residência durante o horário da meia-noite, forçando-o a sair com pressa. No entanto, ao longo do tempo, Sebaldo adaptou seu método de atendimento, passando a realizar agendamentos com os clientes. No entanto, ocasionalmente, esses horários agendados não eram totalmente respeitados.

Acredita-se que Sebaldo era frequentemente contratado para capturar fotografias em ocasiões específicas. No entanto, na maioria das vezes, era ele quem perseguia os momentos, sem ser convocado ou contratado previamente (Darde, 2023, entrevista oral). E para se deslocar para os locais dos eventos, utilizava uma bicicleta. Por conta disso, sofreu várias quedas e teve ferimentos frequentes.

Além do trabalho com a fotografia, ao longo de várias décadas, dedicou-se voluntariamente na Igreja Matriz de Santo Inácio, desempenhando diversas atividades

como a distribuição de livros, participação no coro, leitura de intenções de missas e textos litúrgicos. Em certas ocasiões, manifestava o desejo de ser ordenado devido à sua extensa bagagem de leituras e inteligência, características que nem todos reconheciam plenamente (Schierholt, 2016, apud Lajeado, 2016).

Além disso, também trabalhou com outros projetos. Um deles era chamado de Suco da Vida, aloe vera, e Iridologia. Nesse contexto, ele atuou fazendo fotos para manuais escolares (Sebaldo apud Lacerda, 2002). Suponha-se também, visto que foi encontrado um caderno em seu acervo, que Sebaldo também tenha trabalhado para o clube Lajeadense, fazendo a venda de cadeiras para os jogos do time, bem como o controle do caixa.

Embora ele tenha tido várias fontes de renda, presume-se que o fotógrafo enfrentou problemas financeiros e episódios de constrangimento. Por exemplo, suas fotografias eram frequentemente alvo de roubo e se deparava com pessoas que se recusaram a pagá-lo por seu trabalho (Sebaldo apud Peixoto, 2011).

Ele também revelou ter enfrentado uma acusação de desvio de dinheiro de uma paróquia enquanto estava encarregado de arrecadar fundos para a construção de arquibancadas na igreja. Apesar de ter negado as acusações, Sebaldo foi coagido a assinar um documento admitindo a suposta apropriação indevida (Sebaldo apud Peixoto, 2011).

Após fotografar por quase quatro décadas, Sebaldo parou de fotografar no ano de 2002, quando enviou sua câmera para conserto em Porto Alegre e não teve mais seu equipamento devolvido (Sebaldo apud Peixoto, 2009). E, por motivos financeiros, Sebaldo não investiu em novos equipamentos. Quando questionado sobre o que achava das câmeras digitais, respondeu que "Acho fantástico, embora nunca tenha trabalhado com uma. É um processo muito mais rápido, você vê a foto na hora e se não gostar bate outra. (...) O custo da tecnologia é muito alto, por isso nunca adquiri uma câmera digital" (Sebaldo apud Lacerda, 2002).

Em entrevista, Sebaldo expressou o desejo de contar com um espaço adequado para organizar suas fotografias e, quem sabe, ter um museu, já que "muitas pessoas dizem que eu tenho a história de Lajeado arquivada, eu não posso pôr tudo isso fora. Quero um lugar para poder organizar melhor as fotos e quem sabe fazer um museu" (Sebaldo apud Lacerda, 2002).

Após enfrentar dificuldades, Sebaldo conseguiu se aposentar, uma vez que não possuía recursos para contribuir com o sistema previdenciário (Schierholt apud Lajeado, 2016).

O fotógrafo sempre manteve uma vida solitária. Não tinha cônjuge e nem descendentes. Mas nos seus últimos anos de vida, ele viveu em relativo anonimato, isolado em seu apartamento localizado no centro de Lajeado, passando por dificuldades (Gasparotto, 2014).

Segundo Gasparotto (2014), ele muitas vezes não tinha comida suficiente e vivia na esperança de receber ajuda alimentar. O apartamento onde morava apresentava características como baixa luminosidade, odor desagradável e estava repleto de caixas e objetos, que dificultavam a circulação de duas pessoas simultaneamente.

Figura 3 - Última entrevista de José Sebaldo Hammes realizada pela jornalista Carolina Gasparotto na residência do fotógrafo, em 2011



Fonte: Frederico Sehn (2011).

A condição de vida de Sebaldo pode ser atribuída à síndrome que ele possuía, de Diógenes, um distúrbio caracterizado pela incapacidade de cuidar de si mesmo, falta de higiene, isolamento social, acumulação excessiva de objetos sem utilidade e resistência à assistência ou ajuda externa (Gasparotto, 2014). O fotógrafo enfrentou vários desafios, incluindo escassez alimentar, como revelou em Gasparotto (2011):

Muitas vezes não tenho nem o que comer, como hoje, que saí de casa de barriga vazia na esperança de encontrar um prato de comida. [...] Já quebrei alguns dentes, machuquei minha testa e tirei alguns ossos do lugar, mas mesmo assim levo a vida com alegria.

Quando questionado sobre como se definia, Sebaldo respondeu que: Sou uma pessoa abençoada por ser um filho de Deus.

Sou extremamente sensível, por isso choro com facilidade diante das coisas mais simples. Detesto injustiças. Tenho também uma paciência ilimitada, sou sereno e tolerante, e olha que muitas vezes engulo cada sapo, mas nada me tira do sério. Embora tenha largado o seminário, minha missão ainda é levar a palavra de Deus, por isso tento me aproximar das pessoas para fazer o bem. Me defino como um missionário do Senhor (Sebaldo apud Lacerda, 2002).

Um ano antes de falecer, já com problemas de saúde, Sebaldo foi morar com seu irmão Guido Mathias e com a sobrinha Leonízia Maria Hammes. O fotógrafo faleceu com 85 anos de idade no dia 29/01/2014 no Hospital São José de Arroio do Meio devido a um acidente vascular cerebral. Ele foi sepultado na Igreja Católica São Filipe e Tiago, na localidade de Arroio Grande, no município de Arroio do Meio-RS (Gasparotto, 2014).

O jornalista Deolí Gräff escreveu, após o falecimento de Sebaldo, que "Ele foi um missionário da fotografia. Era apegado aos valores morais, espirituais e completamente despojado dos bens materiais. Nunca ganhou um prêmio, um título. Mas ganhou o reconhecimento por sua vida digna e íntegra" (Gräff, 2014).

Após seu falecimento, a família se viu diante de uma encruzilhada em relação à gestão de um considerável acervo fotográfico, despertando o desejo de encontrar um destinatário que pudesse conferir o devido valor ao trabalho do referido fotógrafo. Além disso, desejavam que as imagens fossem usadas em exposições (Gasparotto, 2014).

Na época, supunha-se que entidades públicas e privadas, como a Prefeitura de Lajeado e a Universidade do Vale do Taquari - Univates, não se interessaram em guardar o material (Peixoto, 2009). Por este motivo, motivado pelo valor histórico do acervo fotográfico de Sebaldo, um grupo de pessoas se sensibilizou e decidiu assumir a responsabilidade de armazená-lo em suas próprias casas. São eles: Luiz Darde, Laura Peixoto, Carolina Leipnitz, Fabrício Dresch e Fábio Gonçalves (Martini, 2020).

Segundo Darde (2023, entrevista oral), o artista Alessandro Cenci também esteve envolvido na causa. Como resultado, surgiu o Projeto Cultural Sebaldo, uma iniciativa sem fins lucrativos. Atualmente, no ano de 2023, participam do projeto

ativamente apenas Luiz Darde e Fábio Gonçalves (Darde, 2023, entrevista oral). Nesse projeto, de acordo com Darde (2023), as fotografias de Sebaldo são restauradas e compartilhadas publicamente por meio das redes sociais do projeto.

A página "Sebaldo 1928" conquistou uma base de seguidores significativa, contando atualmente com 1,6 mil seguidores no Facebook. Esses seguidores se engajam ativamente com as publicações, demonstrando seu interesse por meio de comentários, reações e compartilhamentos. Essa interação fortalece a propagação e a preservação do legado fotográfico de Sebaldo, permitindo que um público amplo e diversificado tenha acesso e aprecie suas imagens históricas.

Ao analisar as publicações no Facebook, pode-se encontrar comentários como: "Uma lenda da história de Lajeado", "Sebaldo é história pura de Lajeado", "Figura lendária na cidade!", "O Sebaldo foi um gênio, pessoa muito culta", "Sebaldo foi um artista que ajudou a registrar a história de Lajeado, no entanto em vida não foi reconhecido" e "Muitos momentos foram marcados por este ilustre fotógrafo. Hoje em dia, com as tecnologias existentes, surgem muitos profissionais da fotografia, mas nenhum é comparável a ele", mostram que seu trabalho atualmente tem sido valorizado e que ele desempenhou um papel significativo na comunidade.

Neste sentido, Gasparotto (2011) escreveu que as fotos dele guardam momentos especiais da vida de muitas famílias da cidade. Elas mostram pessoas que já se foram, mas que por um instante fizeram parte da história do primeiro fotógrafo de Lajeado.

Como forma de homenagem, um belvedere foi dedicado a José Sebaldo Hammes. Localizado no entroncamento das Ruas Júlio de Castilhos e Oswaldo Aranha, no bairro Centro de Lajeado, o espaço foi oficialmente denominado de "Belvedere José Sebaldo Hammes", conforme estabelecido no Projeto de Lei CM Nº 100-04/2016. Essa iniciativa reconhece e perpetua o legado de Sebaldo, honrando sua contribuição para a comunidade e para a história da região (Lajeado, 2016).

Os projetos futuros do fotógrafo envolviam escrever dois livros, um sobre filosofia e outro sobre teologia. Seu objetivo era que "as pessoas vivessem a mensagem de Deus e melhorar a experiência das pessoas na terra" (Sebaldo apud Lacerda, 2002).

Sebaldo partiu antes de concluir seus projetos.

Características de Sebaldo

Ao observar a história de Sebaldo é possível identificar aspectos importantes que nos ajudam a compreender sua personalidade para além dos dados biográficos óbvios, como nome, local de nascimento e família.

Uma das características que surgem a partir das entrevistas é a humilhação e as dificuldades que Sebaldo sofreu em vários momentos da sua vida, como a perda trágica de sua mãe, do roubo de sua câmera e de suas imagens, e da condição em que viveu nos seus últimos anos de vida.

Outro destaque das entrevistas é sobre a cidade de Santos. Sebaldo comentou que nesta cidade, ele vendia mais fotografias, conseqüentemente, foi mais valorizado. Essa questão levanta a possibilidade de que, se ele tivesse permanecido em Santos, poderia ter seguido outro rumo em sua carreira.

Além disso, Sebaldo demonstrou um forte interesse em aprender, o que o levou a estudar fotografia e revelação por conta própria, e a ensinar. Isso também se manifestou no seu projeto pessoal de escrever livros.

Outro ponto a ser considerado é que Sebaldo voltou a Lajeado perto dos seus 40 anos, após ter passado grande parte de sua vida morando em outros estados do Brasil. E curiosamente, foi durante sua estadia em Minas Gerais que ele desenvolveu suas habilidades fotográficas. Fica a incógnita sobre o que poderia ter ocorrido se ele não tivesse vivenciado essa experiência. Será que teria aprendido a fotografar?

Além disso, também vale destacar a personalidade de Sebaldo, que se apresentava como um ser sensível, paciente e de uma profunda fé. Também descrevia a si mesmo como uma pessoa alegre e tolerante, mesmo diante de tantas dificuldades, que incluíam a falta de recursos básicos, como comida. É possível supor que essas características o levavam a preferir registrar momentos espontâneos das pessoas.

A autora também considera importante notar que quando perguntado sobre como gostaria de ser lembrado, Sebaldo afirmou que “se sentia fotógrafo”. Isso sugere que, mesmo com sua experiência religiosa, ele optou pela fotografia como sua principal identidade profissional.

Embora ele tenha tido identificação como fotógrafo, mesmo após desistir de se tornar padre, permaneceu comprometido com sua missão de difundir a palavra de Deus.

Ele se considerava um verdadeiro missionário do Senhor, e tinha como objetivo de vida melhorar a experiência das pessoas na terra.

Outro aspecto importante a ser considerado é que Sebaldo não aderiu às novas tecnologias, como as câmeras digitais, por exemplo, principalmente por razões financeiras. Entre alguns modelos de câmera fotográficas utilizadas pelo fotógrafo encontradas no seu acervo estão Olympus Trip, Singlex e Pentax K1000. E mesmo não tendo recuperado sua câmera analógica, ele não buscou adquirir um novo equipamento.

Além disso, percebe-se que Sebaldo era quem realizava todo o processo fotográfico, desde a captura da imagem até a revelação em preto e branco. Suponha-se que logo após registrar algum evento, ele revelava as fotos em negativo e, em seguida, aguardava pelos clientes ou ia até o encontro deles. Ou seja, ele revelava as imagens antes mesmo de ter a certeza de que seriam vendidas. Acredita-se também que Sebaldo, na maioria das vezes, escolhia registrar momentos por iniciativa própria, enquanto em outros casos, especialmente em fotos de estúdio, ele era contratado pelas pessoas.

No acervo de Sebaldo, a grande maioria das fotografias retratam eventos sociais, tais como bailes do interior e carnavais, revelando pessoas em momentos espontâneos, como dançando, por exemplo, durante um baile. Como resultado, acredita-se que imagens desse tipo eram mais difíceis de serem comercializadas. Michel de Oliveira (2018), em sua obra, refere-se a essas imagens como "imagens para esquecer".

(...) Outra situação que motiva o ocultamento ou destruição de uma fotografia é quando a pessoa retratada não deseja ser lembrada de determinada maneira, seja por não se identificar com o que foi registrado ou por ter mudado a ponto de não mais se reconhecer daquela forma. Isso se tornou ainda mais recorrente com a popularização da tecnologia digital. Imagens feias, sob a ótica do fotografado, são sumariamente deletadas. Essas fotografias apagadas se configuram como imagens para esquecer. Elas seguem a mesma lógica das "fotos proibidas", aquelas escondidas atrás dos outros retratos do álbum (Oliveira, 2018, p. 47).

Ou seja, pode ser que as pessoas não demonstravam interesse em guardar registros de momentos que frequentemente envolviam consumo de bebidas, cigarros e danças com parceiros que possivelmente não eram seus cônjuges atuais.

Filtro Cultural

A partir das observações feitas pela autora a partir da história de vida do personagem deste estudo, acredita-se que todas essas características e vivências de Sebaldo podem ter sido refletidas em suas fotografias e contribuído para a formação do filtro cultural do fotógrafo.

Para Kossoy (2014, p. 46), filtro cultural é:

A eleição de um aspecto determinado - isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético - a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal.

Para Sontag (2004, p. 54), "o fotógrafo é um superturismo, uma extensão do antropólogo, que visita os nativos e traz de volta consigo informações sobre o comportamento exótico e os acessórios estranhos dele. O fotógrafo sempre tenta colonizar experiências novas ou descobrir maneiras novas de olhar para temas conhecidos - lutar contra o tédio". Ou seja, a autora sugere que o fotógrafo é alguém que conhece e se evolve em diferentes culturas, e por consequência, absorve uma vasta quantidade de informações. Portanto, é possível afirmar que a cada cobertura fotográfica e experiência de vida, a bagagem cultural do fotógrafo Sebaldo ia enriquecendo.

Ainda, sobre filtro cultural do fotógrafo, Lohmann e Barros (2016, p. 150) destacam que, "o que o fotógrafo é, pensa e sente refletem na sua obra: sua visão política, sua fé, assim como o que vê como sendo relevante se mostram através de suas escolhas." As pesquisadoras explicam que isso determina inclusive a escolha de enquadramento, o que será e o que não será fotografado pelo autor, e afirmam que "todas as decisões tomadas para a captura de uma fotografia, todas, são uma afirmação de um ponto de vista, são escolhas".

Sobre escolhas de enquadramento, Machado (1984 apud Lohmann; Barros, 2018) reitera que toda a fotografia é um recorte, sendo que o fotógrafo é responsável pela seleção do que será ou não fotografado. Ou seja, é feita uma seleção. Aquilo que não o interessa, é descartado.

Para Kossoy (2014, p. 55), há fotógrafos que tendem a capturar a realidade imediata que presenciam, enquanto outros vão além do óbvio, registrando detalhes como gestos e olhares, e procuram harmonizar essas informações em suas composições.

Santaella (2015, p. 300), afirma que a fotografia, assim como o vídeo e o cinema, é sempre resultado de uma "colisão ótica", conforme Couchot expressava. Para a autora, por trás do visor de uma câmera está um indivíduo que manipula essa prótese ótica, utilizando mais com os olhos do que com as mãos. A autora complementa que “o que o sujeito busca, antes de tudo, é dominar o objeto, o real, sob a visão focalizada de seu olhar, um real que lhe faz resistência ao obstáculo”.

Conhecemos a trajetória de vida de Sebaldo e como suas experiências pessoais poderiam ter contribuído para moldar seu filtro cultural. Segundo os autores, as ideologias, a fé e a personalidade do fotógrafo refletem em suas fotografias de maneira significativa. É importante observar esse aspecto, pois isso pode explicar o que Sebaldo escolheu incluir em seus enquadramentos e o que ele decidiu deixar de fora. Suponha-se que suas fotografias são ricas em detalhes e subjetividade.

REFERÊNCIAS

- FONTCUBERTA, J. **A câmera de Pandora: a fotografia depois da fotografia**. Tradução: Maria Alzira Brum. São Paulo: Editora G. Gilli, 2012.
- DARDE, L. **Entrevista concedida a Pietra Darde**. Lajeado, RS, 2023.
- GASPAROTTO, C. Fotógrafo pioneiro hoje vive em meio ao lixo. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 02 de dezembro de 2011. Jornal Impresso.
- GASPAROTTO, C. Morre, aos 85 anos, fotógrafo Sebaldo. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 30 de janeiro de 2014. Jornal Impresso.
- GRÄFF, D. **Falecimento de Sebaldo Hammes - A última foto**. O Informativo do Vale, Lajeado, RS, 2014.
- KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.
- LACERDA, R. Entrevista José Sebaldo Hammes: Quero revelar o rosto de Cristo em cada pessoa. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 23 de setembro de 2002. Jornal Impresso.
- LAJEADO. Câmara de Vereadores. **Projeto de lei CM N° 100-04/2016**. Denomina de “BELVEDERE JOSÉ SEBALDO HAMMES” o Belvedere localizado no entroncamento das Ruas Julio de Castilhos e Oswaldo Aranha, Bairro Centro. Lajeado, 2016. Disponível em:

https://www.lajeado.rs.leg.br/uploads/materia/18036/projeto_arquivo_1850_1480422012.pdf.
Acesso em: 11 jun. 2023.

LOHMANN, R.; BARROS, A. T. M. P. **Escapes da retórica da objetividade nas fotografias do Jornal Zero Hora**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p. 138, 2016. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148086/001001657.pdf?sequence=1#:~:text=Os%20escapes%20da%20ret%C3%B3rica%20da%20objetividade%20no%20fotojornalismo%20se%20d%C3%A3o,%2C%20marcantes%2C%20que%20traziam%20inquietude>. Acesso em: 01 jun. 2023.

MARTINI, R. **À memória do Sebaldo**. Jornal A Hora, Lajeado, 15 fev. 2020. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2020/02/15/a-memoria-desebaldo/>. Acesso em: 11 jun. 2013.

OLIVEIRA, M. de. **Saudades eternas: fotografia entre a morte e a sobrevida**. 1 ed. [s.l]: EDUEL, 2018.

PEIXOTO, L. Um fotógrafo para a posterioridade. **O guarda-chuva de Laura**. Lajeado, 07 jul. 2009. Disponível em: <https://guardachuvadelaaura.blogspot.com/search?q=sebaldo> . Acesso em: 11 jun. 2023.

PEIXOTO, L. O fotógrafo - parte dois. **O guarda-chuva de Laura**, Lajeado, 29 jul. 2011. Disponível em:
https://guardachuvadelaaura.blogspot.com/2011/07/roteiro-para-o-um-curta.html?fbclid=IwAR1zof8lXfeFly8RT2ffaASfWumdYBwNJ189mwfDvbpNx8RX0_KsJKVIUWg . Acesso em: 11 jun. 2023.

SANTAELLA, L. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. 2015. São Paulo: Iluminuras, 2015.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TOGNI, A. C. **Entrevista concedida a Pietra Darde**. Lajeado-RS, 2021.